

REPRESENTANDO TEMÁTICAS E ESTRATÉGIAS PÓS-COLONIAIS: TRÊS ENSAIOS SOBRE LITERATURA E CULTURA CARIBENHAS

Peonia Viana Guedes¹

Em *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin usam o termo “pós-colonial” em referência a todas as formas culturais “afetadas pelo processo imperialista do momento da colonização aos nossos dias”. Argumentam os autores que os estudos pós-coloniais identificam um contínuo “de preocupações através de todo o processo histórico iniciado pela agressão imperialista européia” (Ashcroft et al, 1989, p. 2). O estudo das questões pós-coloniais tomou vulto no início dos anos 50 com os textos de Aimé Césaire e Frantz Fanon, em uma época onde movimentos de revolta questionavam a autoridade imperial na Ásia e na África. Os estudos pós-coloniais ganharam ampla divulgação e reconhecimento acadêmico a partir dos anos 60, uma década de poderosos contradiscursos, de movimentos nacionalistas, bem como de movimentos pela defesa de direitos civis e de diversas minorias. Nos estudos pós-coloniais vozes como a de George Lamming e de Albert Memmi formularam alguns conceitos básicos do discurso teórico e crítico pós-colonial, que teria, a partir dos anos 70, a contribuição de Edward W. Said, Gayatri Chakravorty Spivak, Homi K. Bhabha e Stuart Hall, entre muitos outros teóricos e críticos.

Os estudos pós-coloniais apresentam diferentes enfoques e estratégias no exame da história, política, literatura e outras formas de experiência cultural, mas estão básica e intrinsecamente ligados ao estudo de questões como subjetividade, ideologia, linguagem e poder. Experiências de alteridade, diferença, identidade cultural, migração, diásporas, escravidão, opressão, resistência, hibridização, e representação são algumas das questões debatidas pelos estudos pós-coloniais. Apesar de suas óbvias diferenças de abordagem, os estudos pós-coloniais em suas várias correntes partilham muitos pressupostos teóricos e críticos e consistentemente questionam a posição hegemônica das potências imperialistas e coloniais que, em nome de uma suposta superioridade de

1 Professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

valores e crenças, oprimiram e escravizaram outros povos, freqüentemente tentando apagar sua língua, sua história, e sua cultura.

O estudo das questões pós-coloniais ligadas a populações do Caribe e de outras regiões próximas da América Central e do Sul tem recebido grande atenção de teóricos e críticos. A literatura produzida em diversas línguas como espanhol, inglês e francês, por autores dessa mesma região tem sido alvo de variados estudos e vem recebendo importantes prêmios ao longo das últimas décadas. Autores como Jean Rhys, V. S. Naipaul, Derek Walcott, Saint-John Perse, Caryl Phillips, Erna Brodber, Jamaica Kincaid, Michelle Cliff – vivendo muitas vezes fora de seus países de origem – trouxeram à cena literária diferentes representações da experiência do sujeito pós-colonial.

Três ensaios sobre obras e autores pós-coloniais da região do Caribe oferecem considerações críticas sobre a literatura e a cultura produzida por autores nascidos nessa parte do mundo, região marcada por um processo de colonização que se caracterizou pela eliminação das populações nativas, pela introdução de uma população escrava africana, e, mais tarde, pela contratação de grande contingente de mão-de-obra indiana e chinesa.

Em “Representações da diáspora nos romances de Caryl Phillips”, Thomas Bonnici discute os diferentes tipos de diáspora provocados pelo colonialismo através dos séculos. Analisando os efeitos colonização e da diáspora caribenha, Bonnici nos diz que nenhum dos grupos afetados por esses processos permanece imune a mudanças. Tanto o colonizador quanto o colonizado são inevitavelmente modificados. O deslocamento físico, as transformações culturais, e o desenraizamento ocasionam, como aponta Bonnici, a fragmentação do sujeito e forçam a reestruturação de uma nova identidade e subjetividade.

Bonnici descreve, usando definições de Spivak, dois tipos de diáspora e os liga a dois romances de Caryl Phillips. Para Bonnici, em suas quatro narrativas que cobrem 250 anos da história afro-americana, *Crossing the River* (1993) representa a diáspora pré-transnacional e suas repercussões no mundo contemporâneo. Ao fazer um resumo comentado das quatro narrativas do romance, Bonnici nos mostra como a diáspora marcou de maneiras diferentes, mas indelevelmente, os protagonistas das narrativas. Bonnici mostra como o processo colonizador - pelo apagamento da língua, história, religião e cultura - cria uma não-identidade no sujeito colonizado. Cada protagonista das narrativas em *Crossing the River* busca a construção de uma nova subjetividade e de uma comunidade baseada em princípios de integração e igualdade.

Em sua análise de *A Distant Shore* (2003), Bonnici nos aponta um processo diaspórico transnacional e nos mostra como – através de uma narrativa fragmentada, com rupturas espaciais e temporais – Phillips representa a fragmentação do indivíduo em uma sociedade instável e excludente. *A Distant Shore*, como afirma Bonnici, representa as conseqüências da diáspora transnacional contemporânea, do deslocamento em um mundo globalizado, movimentos que reduzem o indivíduo a um objeto, sem direito a qualquer tipo de subjetividade.

Em “Representações da diáspora nos romances de Caryl Phillip”, Thomas Bonnici aborda com grande competência um dos temas centrais do pós-colonialismo, os movimentos diaspóricos e suas conseqüências. Bonnici usa apoio teórico adequado ao desenvolvimento do tema e ilustra a questão da representação da diáspora na literatura com duas obras fascinantes de Caryl Phillips.

Em “A voz pós-colonial em *Wide Sargasso Sea* de Jean Rhys”, Vera Helena Gomes Wielewicki faz uma leitura do famoso romance de Rhys, que estabelece um diálogo intertextual com *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Wielewicki inicia seu ensaio com observações críticas sobre a vida e a obra de Jean Rhys e, também, sobre a justeza de classificação da obra de Rhys como literatura pós-colonial. Citando Naipaul, Brown, Wilson, Emery e Howells, Wielewicki conclui que a crítica tem reconhecido características caribenhas na ficção de Jean Rhys.

Wielewicki faz, a seguir, uma leitura de *Wide Sargasso Sea* (1966), enfatizando a tendência da crítica a enfoques de cunho feminista e pós-colonial. Wielewicki aborda, então, a questão do silêncio da protagonista Antoinette Cosway, apontando ser este reconhecido como uma forma feminina de contestar a exploração e a repressão impostas por regimes patriarcais. Com o apoio crítico de Koenen, Wielewicki mostra como o poder de narrar sua história é tirado de Antoinette a partir de seu casamento. O aspecto da loucura da protagonista e a ligação estrutural da insanidade com a desintegração da narrativa são também apontados por Wielewicki.

O ensaio “A voz pós-colonial em *Wide Sargasso Sea* de Jean Rhys” introduz aspectos muito interessantes e pertinentes para uma leitura do romance de Rhys do ponto de vista dos estudos pós-coloniais. O ensaio sofre, entretanto, de um excesso de citações críticas sem uma contrapartida de leitura e citação do texto dos romances de Rhys ou, pelo menos, de *Wide Sargasso Sea*. A riqueza do material crítico sobre o romance pediria uma discussão mais aprofundada do tema proposto e

seria muito importante que a voz da autora do ensaio aparecesse de maneira mais clara e forte nas reflexões sobre as questões levantadas.

Em “Questões socioculturais no ‘Terceiro Mundo’: América Latina”, Leoné Astride Barzotto propõe fazer uma investigação da “teoria crítica atual a respeito do pós-colonialismo e dos estudos culturais em países do assim chamado ‘terceiro mundo’”. Em sua investigação, Barzotto pretende centrar-se na realidade híbrida dos povos do terceiro mundo revelada através de registros históricos datando dos dois últimos séculos e enfocada por uma visão mais teórica e histórica do que literária. Os teóricos e críticos que Barzotto se propõe a usar em sua investigação incluem Ahmad, Bhabha, Canclini, Cevasco, Vovelle, Mattelart e Neveau, entre outros. Para exemplificar o que Barzotto define como “prática social dentro dos estudos culturais”, será usada *A história do ventríloquo* (1999), de Pauline Melville. A obra foi escolhida, como diz Barzotto, por retratar a situação das tribos ameríndias na ex-Guiana Inglesa, espaço onde, de acordo com a autora do ensaio, seria possível verificar o processo de “hibridação” e as conseqüências decorrentes do imperialismo europeu.

Barzotto, no desenvolvimento do tema proposto para investigação, narra resumidamente a fábula relatada em *A história do ventríloquo*, discute conceitos de História, menciona o aparecimento do pós-modernismo e estabelece uma ligação desse movimento com o pós-estruturalismo. A seguir, Barzotto faz uma introdução aos Estudos Culturais e sua origem, propondo-se a discuti-los nessa parte do ensaio sob um viés literário. Em seguida, menciona Hoggart, Williams, Thompson e Hall como fundadores dos Estudos Culturais. A classe operária inglesa é apontada como o ponto de partida dos Estudos Culturais e a ligação dos Estudos Culturais com a *New Left* e a *New Left Review* é estabelecida. Barzotto realça, a seguir, a posição elitista de Bloom e Perrone-Moisés em relação à produção literária e aos pesquisadores de questões ligadas a raça, gênero e classe. Barzotto propõe, então, uma mudança “na direção do mapa”, uma virada para a América Latina e os Estudios Culturales, citando o advento dos Latin American Studies, desenvolvidos a partir dos Estados Unidos.

Barzotto faz, em seguida, várias entradas enciclopédicas sobre o que ela denomina “intelectuais do Terceiro Mundo” – Ahmad, Canclini e Bhabha – e usa citações de *A história do ventríloquo* para ilustrar processos de transculturação e hibridismo. A conclusão do ensaio aponta para a preocupação demonstrada pelos teóricos mencionados acima com os

estudos culturais inseridos na realidade do terceiro mundo, preocupação que Barzotto vê também expressa por Melville em sua obra.

O ensaio “Questões socioculturais no `Terceiro Mundo’: América Latina” propõe uma investigação muito ampla e complexa que não consegue realizar. O ensaio não tem uma organização clara e conceitos importantes são discutidos de maneira superficial e, algumas vezes, equivocada. Barzotto faz propostas interessantes que mereceriam grande atenção, mas muitas dessas propostas teriam que ser desenvolvidas em ensaios individuais pela complexidade de conceitos que envolvem. Fica a sugestão de vários trabalhos dedicados aos diversos temas e idéias levantadas nesse ensaio.